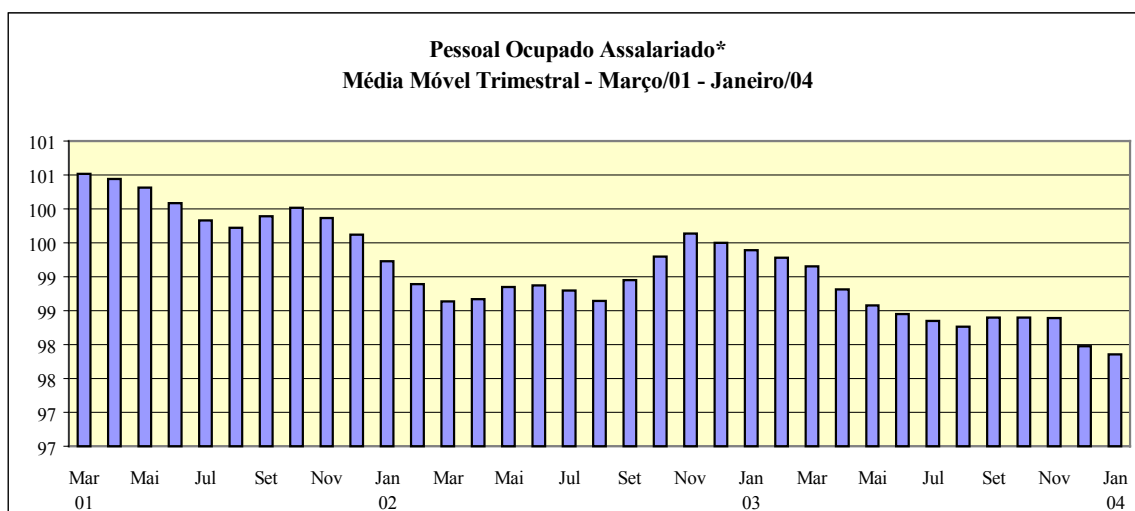


PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O ano de 2004 se inicia mostrando que, na comparação mês contra mês anterior, o número de admissões no setor industrial supera o de demissões na série livre de influências sazonais. Na passagem de dezembro para janeiro o emprego mostra um acréscimo de 0,2%, após queda de 0,6% entre novembro e dezembro. No entanto, este resultado positivo, não reverte a trajetória de declínio no índice de média móvel trimestral, que mostra uma perda de 0,1% entre os trimestres encerrados em dezembro e janeiro.



contraposição, apenas Minas Gerais (2,0%), região Norte e Centro-Oeste (1,4%) e Paraná (0,4%) exibem resultados positivos para o emprego industrial, todos impulsionados por alimentos e bebidas, setor que alcança taxas de 14,1%; 2,5% e 9,9% nos respectivos locais.

Setorialmente, ainda no confronto mensal, são observados, no total do país, decréscimos em onze dos dezoito setores analisados, ficando o recuo de maior pressão no cômputo geral com vestuário (-13,9%), vindo a seguir papel e gráfica (-7,7%), têxtil (-5,8%) e minerais não-metálicos (-5,3%). Por outro lado, destacaram-se as influências positivas das contratações efetuadas no ramo de alimentos e bebidas (2,6%).

O indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,7%) mostra ligeira aceleração no ritmo de queda frente aos meses de dezembro (-0,5%) e novembro (-0,4%). São Paulo (-1,1%) permanece como destaque, dividindo com Rio de Janeiro (-4,4%) e Rio Grande do Sul (-2,0%), os principais impactos negativos na queda do emprego. Os destaques positivos vieram da Região Norte e Centro-Oeste (3,5%) e do Paraná (2,2%), influenciados, sobretudo, pelas admissões no setor de alimentos e bebidas. Em nível setorial, as demissões superaram as contratações em dez ramos, com destaque para a influência negativa vinda de vestuário (-6,0%), fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-7,4%), minerais não-metálicos (-5,7%) e têxtil (-4,5%). Respondendo pelas pressões positivas mais significativas, destacam-se as indústrias de alimentos e bebidas (2,6%) e de máquinas e equipamentos (5,6%).

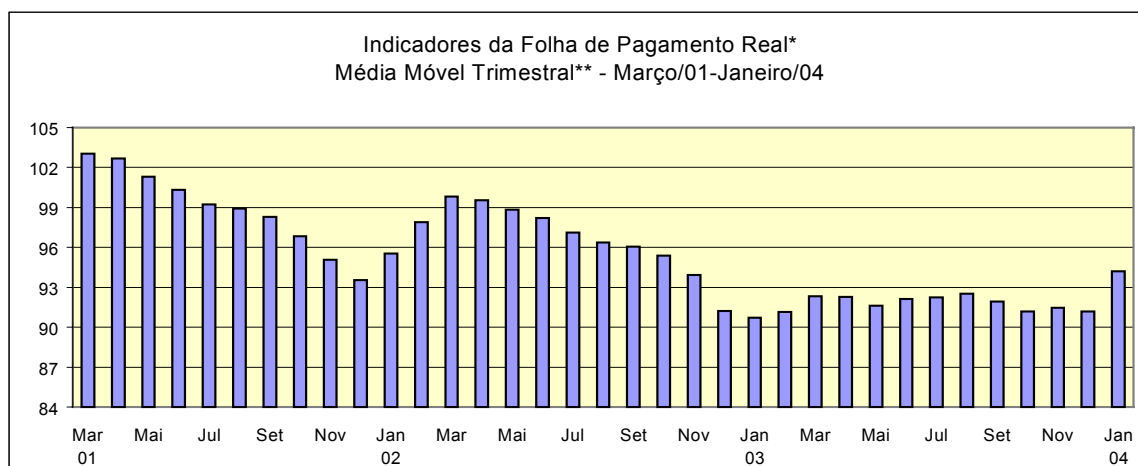
Em síntese, apesar da taxa positiva no confronto mês contra mês anterior, verifica-se que o emprego ainda mostra uma trajetória de declínio nos últimos meses, expressa no índice de média móvel trimestral. Este resultado é confirmado nas comparações com 2003, onde as taxas permanecem negativas.

FOLHA DE PAGAMENTO

O indicador da folha de pagamento real mostra, no início de 2004, uma significativa elevação frente aos resultados anteriores. No confronto janeiro 2004 / janeiro 2003 há um aumento de 7,7% para o total da indústria, com perfil generalizado, uma vez que atinge a maioria dos segmentos e locais

pesquisados. Um dos fatores explicativos do comportamento elevado de janeiro está relacionado às transferências de benefícios, tradicionalmente feitos em dezembro, que este ano ocorreram em janeiro. Como consequência disto, a comparação janeiro 04/ dezembro 03 para a folha de pagamento mostra queda de 20,0%, contra uma redução na faixa de 25,0% nos anos anteriores, ou seja, houve alteração do padrão de sazonalidade. Assim, o índice ajustado sazonalmente aponta um atípico crescimento entre esses dois últimos meses, de 10,7%. Outro fator a ser considerado é o efeito positivo da inflação sobre a evolução desta variável: em janeiro de 2003 a inflação, medida pelo IPCA foi de 2,3% enquanto em janeiro deste ano, cai para 0,8%.

Já na comparação com os últimos doze meses a variação na folha de pagamento real foi negativa (-3,1%), mas superior ao índice apontado em dezembro de 2003 (-4,3%). O índice de média móvel trimestral avança 3,3% entre os trimestres encerrados em dezembro e janeiro últimos, alterando deste modo a tendência de estabilidade apontada até dezembro passado.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

** Série ajustada sazonalmente

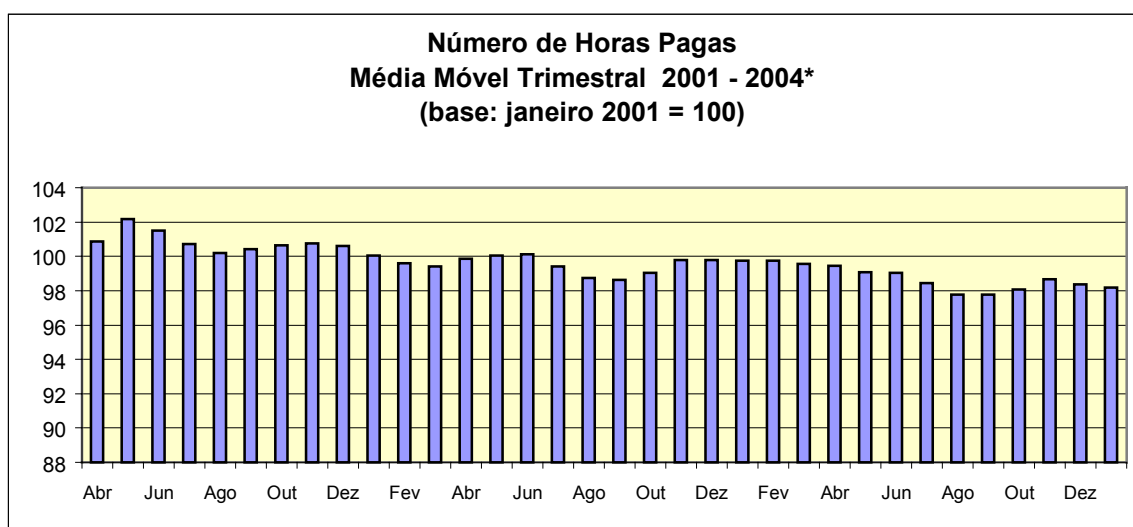
A expansão de 7,7% da folha real em janeiro de 2004, reflete o crescimento em treze dos dezoito ramos pesquisados, valendo destacar máquinas e equipamentos (22,6%) e alimentos e bebidas (8,6%) como os principais impactos. Em âmbito regional, todos os locais apresentaram expansão da folha real, entretanto merece destaque São Paulo (7,6%) e Minas Gerais (8,1%), como as principais influências no cômputo geral. A Região Sul (7,3%), respondeu pela segunda maior participação positiva, valendo destacar a participação do Paraná (9,8%) e Santa Catarina (9,6%), como os locais mais expressivos. Em São Paulo, máquinas e equipamentos (35,2%), produtos químicos

(10,6%) e fabricação de meios de transporte (5,4%), foram os três segmentos que mais influenciaram a taxa de expansão da folha de pagamentos. Já em Minas Gerais, os destaques cabem a fabricação de meios de transporte (27,3%), metalúrgica básica (6,8%) e alimentos e bebidas (21,3%).

NÚMEROS DE HORAS PAGAS

Em janeiro, o total de horas pagas aos trabalhadores da indústria ficou estável (0,0%) em relação ao mês de dezembro, já descontado o efeito sazonal. Já na comparação com igual mês do ano anterior houve uma retração de 1,8% e no índice acumulado dos últimos doze meses uma queda de 1,0%. A jornada média de trabalho no mês de janeiro se retraiu tanto no indicador mensal (-0,1%) como no acumulado dos últimos doze meses (-0,3%).

Segundo o indicador de média móvel trimestral, a jornada de trabalho caiu 0,2%, entre janeiro e dezembro, confirmando a trajetória descendente iniciada em novembro.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Na comparação janeiro 04/ janeiro 03, o indicador do número de horas pagas do setor industrial teve queda de 1,8%, refletindo o comportamento negativo de onze dos quatorze locais e de nove dos dezoito segmentos pesquisados. Em termos setoriais, as reduções mais expressivas foram dadas por vestuário (-12,4%), têxtil (-7,8%) e papel e gráfica (-6,6%), por sua vez, as maiores contribuições positivas vieram de metalúrgica básica (9,6%) e alimentos e bebidas (1,8%). No corte regional, os locais que mais influenciaram negativamente o resultado nacional foram: São Paulo (-2,8%),

Rio Grande do Sul (-6,0%), Rio de Janeiro (-4,3%) e Nordeste (-1,6%). Em contrapartida, a maior influência positiva ficou por conta de Minas Gerais (2,6%). Na indústria paulista, os segmentos de vestuário (-26,7%), papel e gráfica (-12,3%) e máquinas e aparelhos eletrônicos (-4,6%), foram os principais impactos negativos. Na indústria gaúcha, os destaques negativos ficaram com calçados e couro (-11,6%), fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-15,7%) e borracha e plástico (-8,3%). Já no Rio de Janeiro e no Nordeste, a principal pressão negativa sobre o número de horas pagas foi de vestuário com retrações de -16,5% e -15,2%, respectivamente.

Por fim, em janeiro, o índice acumulado nos últimos doze meses, apresentou recuo de 1,0%, resultado ligeiramente superior ao de dezembro (-0,8%). Setorialmente, os maiores impactos negativos vieram dos ramos de vestuário (-6,2%) e fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-8,8%). Já os locais que mais contribuíram negativamente no cômputo geral foram São Paulo (-1,4%) e Rio de Janeiro (-4,7%).